

SOBRE A PEDAGOGIA

Roniele Belusso¹

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade de Caxias do Sul.

Fundamental para o desenvolvimento do pensamento ocidental contemporâneo, o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), apoiado em sua maturidade intelectual, foi autor de obras literárias que primam pela análise reflexiva e pela tentativa de remontar o conhecimento para condições que o tornem eventualmente legítimos. Os eixos centrais do criticismo kantiano param pela escrita de: *Crítica da Razão Pura* (1781), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790). Na primeira, invertendo o raciocínio de seu tempo, Kant anuncia que o conhecimento do homem, sobre os objetos, passa pela sensibilidade de apreender o objeto, ou seja, o conhecer é limitado às possibilidades das capacidades receptivas e racionais.

Sobre o pensamento kantiano acerca da pedagogia é possível recorrer a um texto, que em português recebeu o título de *Sobre a Pedagogia*, fruto da coletânea de lições recolhidas por um estudante, Theodor Rink, e publicadas em 1803, quando fora aluno de Kant, no curso de pedagogia, na Universidade de Königsberg. Neste texto, é marcante o estilo conciso ao mesmo tempo em que são oferecidos conselhos práticos e também apresentação de princípios sucintos, que serão amplamente discutidos em outras obras de Kant, como: *Crítica da Razão Prática* e *Metafísica dos Costumes*.

O livro apresenta uma estrutura em dois capítulos, precedidos de uma Introdução, e tem como ideia central a educação como arte e, como tal, fundada na Razão e tendo por fim o bem e a liberdade. Na introdução Kant define a educação como o cuidado da infância, a disciplina e a instrução com a formação humana, essa compreende a disciplina e a instrução. Também a moralidade ganha destaque no texto, relacionando-a com o caráter e a capacidade de dominar algumas paixões e algumas inclinações.

Nas suas concepções pedagógicas, Kant coloca o sujeito moral como elemento central da educação e já no início de seu texto afirma que “O homem é a única criatura que precisa ser educada.” (pág.11) e que a disciplina, o cuidado e a instrução devem ser a base da formação do ser humano. Neste sentido, encontra-se escrito que “A disciplina é o que impede o homem de desviar-se de seu destino, de desviar-se da humanidade, por meio de suas inclinações animais.” (pag. 12).

Assim como seu contemporâneo, o suíço Jean-Jacque Rousseau (1712 – 1778), Kant também acredita que o homem naturalmente apresenta uma inclinação à liberdade, contudo, por uma questão de sobrevivência, é necessário respeitar a coletividade, ficando preciso e conivente recorrer, desde cedo, à disciplina. Esta convicção fica clara ao ler que: “... quem não tem educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina”. (pág.16)

Kant preocupa-se com os cuidados com a educação desde os bebês e faz aconselhamentos como os de que o leite materno é o melhor alimento (pág. 37– 38) e que o uso de faixas para enrolar os bebês é prejudicial ao desenvolvimento da criança, podendo causar defeitos físicos na idade adulta. (pág.45).

Fica evidente que com estas orientações, Kant queria dialogar com os hábitos de seu tempo, queria também afirmar que a infância é uma etapa da vida que precisa de cuidados específicos e próprios, opondo-se a ideia de que a criança é um pequeno adulto, o que era perfeitamente aceito em seu tempo. A importância dessas constatações teóricas foi mais bem aplicada quando nos séculos XIX e XX elas serviram como base de reflexão para a transformação dos métodos de educação.

Acredita-se que os melhoramentos das formas de educação permitirá, ao homem, atingir níveis mais elevados do seu desenvolvimento e, conseqüentemente, rumando ao aperfeiçoamento da raça humana, paulatinamente. Esta interpretação ocorre quando lê-se o seguinte fundamento do pensamento pedagógico kantiano:

“A educação é uma arte cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre mais bem aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guiar toda a espécie humana a seu destino.” (pag. 19).

Mesmo acreditando no valor da educação para o processo de aperfeiçoamento do humano, Kant não se deixava iludir e sabia das dificuldades que isso poderia representar, pois admitia que a melhora do humano dependia da sua capacidade de se dispor para o “bem” e que isso não estava pronto. A disposição para o “bem” dependida, em grande medida, da sólida formação moral do sujeito, admitindo-se que não é uma tarefa nada fácil: “A educação, portanto, é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens.” (pág.20).

Mesmo que complexa, existe no texto a tentativa de oferecer um caminho possível para sanar essa dicotomia, quando o autor afirma que somente uma educação pautada pela e na razão é possível reunir disposições para o “bem”. “A arte da educação ou pedagogia deve, portanto, ser raciocinada, se ela deve desenvolver a natureza humana de tal modo que esta possa conseguir seu destino” (pag.21).

Outro aspecto relevante do texto é a preocupação com a qualidade na formação de mestres e pais que incumbir-se-ão de educar as gerações futuras. Caso a tarefa educacional seja executada por pessoas desqualificadas, perde-se o propósito de avanço frente ao já conquistado, uma vez que, além de ter um fim nela mesmo, a educação sempre deve ser praticada com vistas no melhor estado possível para a humanidade no futuro. Nas palavras do autor: “Não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo uma estada melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e sua inteira destinação.” (pag.22).

Claramente neste trecho, Kant apresenta seu olhar atendo sobre a educação como um dos principais requisitos para a construção de uma sociedade melhor, a cada geração. Ele também apresenta, neste contexto, a sua visão cosmopolita, na medida em que o homem não deve ficar restrito a prática da sua cultura local e sim tornar-se um cidadão do mundo, um humano que conheça outras formas de cultura e hábitos que transcendam o limite de sua região de origem.

Encontra-se no texto uma especial preocupação com os aspectos que norteiam os princípios de cidadania e o fazer democrático, trazendo um dos imperativos categóricos do autor: “Age apenas segundo uma máxima tal que possa ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”. Dito de outra maneira é sugerido que as atitudes sejam feitas de acordo com o que é correto para si, mas também pelo outro, admitindo-se no humano um ser social e norteado pela reflexão ética.

Após a introdução, *Sobre a Pedagogia* divide-se em dois capítulos. No primeiro, intitulado *Sobre a Educação Física*, Kant fala dos cuidados que devem ser prestados as crianças, aos bebês, e que as crianças devem evitar o ócio, principalmente em atividades que desenvolvam habilidades, como enxergar e correr. No segundo capítulo, intitulado *Sobre a Educação Prática*, o foco concentra-se nas ideais de que o ser humano completo não é aquele que detêm apenas o conhecimento, mas aquele que realiza os deveres em relação a si e aos demais.

No capítulo dedicado a **sobre educação física**, Kant a define como os cuidados materiais prestados as crianças (pag. 37), constituindo-se estes da educação do corpo, a

educação da índole e a educação da cultura. Na educação do corpo, encontram-se fragmentos instrutivos principalmente no que se refere a cuidados infantis. Não parece difícil perceber que Kant sugere que a própria natureza encarregar-se-á de dar sinais do que as crianças necessitam. Nas palavras do autor: “Não se deve usar nenhum excitante para despertar o apetite da criança; pelo contrário, é necessário que o apetite seja provocado pela atividade e pela ocupação.” (pag. 40).

Sobre os cuidados com a educação da índole é preciso garantir que a disciplina oferecida a uma criança não a torne escrava, mas sim que perceba o valor de sua liberdade e o valor da liberdade dos demais. Kant insiste muito na ideia de que deve ser oferecido a criança o que lhe é útil e não o que lhe é desejado e que isso precisa ficar claro. “Dê-se à criança tudo que ela precisa e depois seja dito: ‘Você já tem o suficiente!’” (Pag.50) e, mesmo que a criança não tenha ainda nenhuma ideia de vergonha, não se pode tolerar que ela se torne insolente. (pag.51).

A educação de cultura é o exercício da educação da índole, abrange a cultura do corpo e o exercício dos sentidos. É preciso fazer as crianças perceberem que podem instrumentalizar os próprios sentidos: “servimo-nos de uma corda para medir certas distâncias, mas pode-se fazê-lo simplesmente com o olhar; valemo-nos de um relógio para determinar a hora, mas bastaria olhar a posição do Sol.” (pag. 53).

Acredita-se que brincando com os jogos, a criança seja desafiada com a possibilidade de colocar em prática as suas habilidades e exercitar o seu caráter, classificando como melhores as brincadeiras que tem um objetivo e uma finalidade. “Em geral, os melhores jogos são aqueles que, além de desenvolver as habilidades, provocam exercício dos sentidos; por exemplo, o exercício da visão, ao julgar com exatidão à distância, a grandeza e a proporção [...]” (pag. 55).

A importância do trabalho é destacada várias vezes no texto. “É de suma importância que as crianças aprendam a trabalhar. O homem é o único animal obrigado a trabalhar.” (pag.61). É preciso fazer-se entender que é através do trabalho que a dignidade e a liberdade se sustentam e que, mais tarde, haverá a colheita de grandes frutos desta atividade. “A melhor maneira de cultivar as potências da índole consiste no fazer por si mesmo o que se quer fazer [...] O melhor modo de aprender é fazendo” (pag. 70). Segundo Kant, é necessário e desejável que as coisas nem sempre sejam fáceis de serem executadas, pois haverá tarefas que exijam graus de habilidade e concentração complexa e “o gosto pela facilidade é para o homem o mais funesto dos males da vida.” (pag.71)

No que se refere à segunda parte do livro, o assunto é **sobre a educação prática**. Nesta etapa são definidos os bons princípios que devem ser assimilados pelas crianças e que englobam a habilidade, a prudência e a moralidade. A habilidade é um conhecimento que possa ser aplicado para realizar uma ação, e se bem fundamentada torna-se o elemento essencial do caráter de um homem. A prudência “consiste na arte de aplicar aos homens nossas habilidades, ou seja, de nos servir dos demais para nossos objetos.” (pag. 85). Por fim, a moralidade diz respeito a formação de um bom caráter, do domar algumas paixões e aprender a privar-se de algumas coisas e de certas inclinações.

Sugere-se que para solidificar o caráter moral das crianças é preciso permeá-las de bons exemplos de como fazer as coisas e também deixar claro quais são os deveres a cumprir-se. Nestes deveres o autor busca nos deveres para consigo e para com os outros uma forma de fundamentar que, desde cedo, as pessoas devem ter o entendimento dos preceitos de uma vida social e de respeito aos direitos humanos.

Dentre os deveres para consigo mesma, a criança deve conservar a dignidade interior, uma dignidade que é própria da natureza humana. A mentira, por exemplo, coloca-se abaixo da dignidade humana e deve ser encarada com desprezo. Já os deveres para com os demais, pressupõe-se a ideia clara dos direitos humanos e a noção do que é justo ou injusto para a coletividade (pag. 89 – 91) e “de modo algum é permitido a uma criança humilhar a outra” (pag.93).

Por fim, o filósofo deixa uma derradeira recomendação: “É preciso orientá-los sobre a necessidade de, todo o dia, examinar sua conduta, para que possam fazer uma apreciação do valor da vida, ao seu término.” (pag.106) pois é facultado ao homem a possibilidade de readequar a realidade aos seus interesses ou aos interesses do coletivo. Isto posto, leva a pensar sobre os princípios, as práticas e a racionalidade, fundamentos da ética kantiana, que por vezes são esquecidos e que são essenciais para quem se propõe a desenvolver a arte de educar.

KANT Immanuel. **Sobre a pedagogia**, de Tradução: Francisco Cock Fontanella. 6. Ed. Piracicaba: UNIMEP, 2011. 106p.